

## A GEOGRAFIA EM PRESIDENTE PRUDENTE – 60 ANOS

Este texto pretende mostrar mais a parte da história “longínqua” da Faculdade, já que muitos outros textos estarão abordando temas mais recentes. Enfatizei também a parte relativa à Antropologia, por se constituir minha área de conhecimento.

O Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP nasceu após a criação dos Institutos Isolados de Ensino Superior, no ano de 1957. Enquanto algumas Faculdades tiveram seu início em 1957 ou 1958, em Presidente Prudente a Faculdade só começou a funcionar em maio de 1959, após um grande movimento político/popular que culminou com a chamada “Noite da Faculdade”, uma grande manifestação na praça 9 de Julho reunindo estudantes, políticos, inclusive o Deputado Estadual Márcio Porto, autor da lei de criação, bem como a população que clamava pela faculdade em Presidente Prudente. Assim, em abril de 1959 a sua instalação foi autorizada. O vestibular se deu nos últimos dias de abril desse ano e em 03 de maio foram proferidas as aulas inaugurais dos dois cursos então criados: Geografia, pelo Professor diretor doutor Joaquim Alfredo da Fonseca e para Pedagogia o Professor Padre Valdemar Valle Martins. As primeiras aulas foram ministradas no então Colégio Técnico Joaquim Murtinho, hoje Objetivo. Logo a faculdade foi transferida para a Escola de Primeiro Grau “Professora Góes Brandão” criada mas não instalada e já de início pequena para comportar uma Faculdade. Ficou assim constituída a primeira grade curricular e seus respectivos docentes: Geografia Física, Professor Doutor Joaquim Alfredo da Fonseca, porém quem realmente ministrava as aulas era seu assistente, Professor Fernando Carlos Fonseca Salgado; Geografia Humana: Professor Reynaldo Waldomiro Gabriel; Sociologia: Professora Mirthes Del Cistia; Antropologia, Padre Guilherme Saake; e Etnografia e Língua Tupi-Guarani, Professor Doutor Max Henri Boudin. Foi interessante porque ambos tinham experiências com índios, o Padre Saake com os Avá-Canoeiro, que depois se embrenharam pelas matas e foram recontactados em 2007 e o Professor Boudin, que teve uma vivência de 07 anos com os índios Tembétetehara do Maranhão. Como fora adotado como filho do cacique, quando chegou a Prudente ainda tinha as marcas escuras nas orelhas e no lábio inferior, o que lhe dava uma aura de “diferente”, de “charme”. Durante dois meses tivemos aulas de Geografia do Brasil com a

Professora Ede di Tolla Sanches, que se desentendeu com o Professor Fonseca, o qual usou os alunos para criar uma situação que redundou na dispensa da professora. Foi também nesse prédio que surgiram os primeiros embates estudantis, que se caracterizaram, inicialmente, por uma diferença de gênero! Alunos dos dois cursos x alunas dos dois cursos, nos partidos PAR e PUA (Partido Acadêmico Renovador e Partido Unificação Acadêmica). E, apesar da maioria ser do gênero feminino, o primeiro presidente do Centro Acadêmico foi Elly Roberto de Oliveira, do curso de Geografia.

No início do ano seguinte ambos os cursos foram novamente deslocados, desta vez para o Colégio de Primeiro e Segundo Graus “Tannel Abbud”, prédio de dois andares, que permitiu que as duas turmas que cresciam a cada ano tivessem espaço adequado. No segundo ano foi introduzido o curso de História, ministrado pelo Professor Manoel Lello Bellotto, do campus de Assis. Nesse prédio, foram feitas inúmeras ações como churrascos, festas juninas dentre outras, para angariar fundos para o financiamento de trabalhos de campo (então ainda denominados de Excursão, termo que, com o passar do tempo foi ganhando um significado pejorativo) e para a realização de cursos de Extensão, organizados pelos dois Centros de Estudos: Pierre Deffontaines da Geografia e John Dewey da Pedagogia. Quanto aos trabalhos de campo, a primeira viagem foi a São Paulo, de ônibus, visitando São Paulo e Santos, acompanhada pelo professor Reynaldo. A segunda, acompanhada pelo Professor Boudin, foi para Salvador, apenas um grupo de 6 alunos que aproveitaram bem para conhecer Salvador e que incluiu até uma visita ao Governador, Coronel Juracy Magalhães. Por falar em trabalhos de campo, vou adiantar mais uma, que foi até Itu, onde o grupo acompanhado pelo professor Alvanir de Figueiredo, recém contratado para as disciplinas Geografia Física e Geografia do Brasil, se encontrou com o professor Aziz Ab’Saber da USP; foi uma excelente experiência. Em anos subsequentes os trabalhos de campo foram ganhando em quantidade e envergadura: uma delas, até Manaus, passou por uma aldeia indígena, outras para o nordeste e para o sul, bem como algumas além-fronteiras. Uma situação divertida nos foi proporcionada pelo primeiro motorista da Faculdade, Wilson Marques que, viajando sempre com os professores e alunos, acabava por dar todas as informações quando eventualmente em seu veículo não constava nenhum professor.

Nesse meio tempo, o clima fechou no Tannel: por conta de uma visita mal organizada pelo doutor Fonseca de uma turma do curso de Geografia da Pia Universidade Católica – PUC, de São Paulo, para a qual os alunos da FAFI não haviam sido avisados com antecedência, e, portanto, não apareceram no sábado pela manhã, quando seriam as aulas do Professor Fonseca, (ele sempre avisava na sexta-feira durante o dia sobre sua vinda ou não). O doutor Fonseca considerou a ausência como insubordinação dos alunos e designou uma comissão de Sindicância; ato contínuo, os alunos da Geografia entraram em greve, logo acompanhados pelos alunos do curso de Pedagogia. A greve durou 40 dias e teve como resultado que ao final do ano o doutor Fonseca não foi reconduzido à direção. Os alunos já estavam descontentes porque o doutor Fonseca vinha aplicando uma filosofia de contenção de despesas, contratando sistematicamente um docente para duas disciplinas. Assim, Alvanir de Figueiredo para Geografia Física e Geografia do Brasil; Humberto Augusto Vairo Titarelli para Geografia Regional e Cartografia. Isto influenciou muito na qualidade do ensino, pois cada um deles tinha que improvisar-se professor em uma das disciplinas: Alvanir em Geografia do Brasil e Titarelli em Cartografia. Ao final do ano assumiu a Direção o Professor Doutor José Fernando Martins Bonilha, da área de Sociologia.

Foi também no Tannel, onde foram gestados os cursos de Ciências Sociais e Matemática, aprovados para serem iniciados em 1963. As primeiras aulas para essas turmas foram dadas no pátio, separados por um biombo; assim, como não havia espaço para mais turmas, isto redundou em nova mudança, desta vez para o centro da cidade, num prédio de 4 andares, onde hoje está localizado o Banco Santander da Maffei. A vida acadêmica ganhou em qualidade e a relação com a comunidade ficou bastante próxima. Mas mesmo esse prédio não foi suficiente, de tal forma que a Biblioteca, que vinha num crescendo, ficou alojada numa casa na rua Barão do Rio Branco, ao lado de uma hoje agência do Banco Itaú. Nesse período foram realizados muitos cursos de Extensão, geralmente pelos Centros de Estudos Geográficos “Pierre Deffontaines” e Pedagógicos “John Dewey”, com o apoio dos professores. Mas todo o trabalho “braçal” era executado pelos alunos, inclusive a impressão de certificados (na época no mimeógrafo!)

Apenas em 1968 é que nos vimos definitivamente em casa, no atual terreno, previsto inicialmente para comportar uma faculdade de Medicina. Neste terreno havia a possi-

bilidade de crescimento, o que vem acontecendo a passos rápidos, até hoje. O início das atividades neste campus se deu com a “tomada de posse” através de um barracão de madeira comportando duas salas, utilizadas para aulas de Ciências Sociais e um curso de Alemão então aí ministrado pela senhora Margarida Künzli, tendo ao final do ano sido aí realizada uma festa de Natal “alemã”! Inicialmente foi construído o prédio Discente 01, onde ficavam numa ala as salas de aula, em outra os departamentos e nas salas à esquerda de quem entra, a secretaria e a tesouraria. Depois foram construídos os prédios da direção e o docente 01. E assim a faculdade foi crescendo...

Um grande impasse surgiu quando da criação da Universidade Estadual Paulista, UNESP. Um primeiro vislumbre do que vinha foi pelo próprio nome da Universidade: Júlio de Mesquita Filho. Membro da família Mesquita, proprietária do Jornal O Estado de São Paulo, não primava pela visão democrática, o que contrariava a expectativa geral de uma universidade nova, em moldes avançados, talvez como a Universidade de Brasília e a UNICAMP. O primeiro Reitor, professor doutor Luiz Ferreira Martins tinha como um dos objetivos remotos o de fechar a Faculdade de Presidente Prudente. Iniciou fechando os cursos menos ortodoxos, que eram justamente das Humanas, Ciências Sociais, Pedagogia e Estudos Sociais, incluindo um curso novo, de Licenciatura em Ciências. Graças a um movimento de denodados professores, dentre os quais Alvanir de Figueiredo, Marcos Alegre, Fernando Carlos Fonseca Salgado, Armen Mamigonian, dentre outros, o curso de Geografia foi mantido, bem como o de Matemática. Vale lembrar que o professor Armen foi o primeiro na casa a obter bolsas de estudos para estudantes. Nessa época o Curso de Geografia já contava com aulas em dois períodos, matutino e noturno. Já então, como até próximo a 2008, professores e alunos dos cursos noturnos se consideravam órfãos de pai e mãe: não havia telefonista, não havia café, não havia nenhum setor da administração funcionando. Algum tempo depois, através de um “ardil” dos professores Alvanir e Marcos, então Diretor e Vice, foi criado o curso de Engenharia Cartográfica, fazendo com que a Faculdade, já então Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais, pudesse respirar mais aliviada. Nesse período funcionavam 2 Super Departamentos, a saber, Geografia e Planejamento e Ciências Ambientais. Houve então uma grande cisão dentro da Geografia, Geografia Humana e Regional no Departamento de Geografia e Planejamento e Geografia Física e Geologia no de Ciências Ambientais. Por outro

lado, houve embates com a Geografia de Rio Claro, onde se fazia uma Geografia mais Quantitativa. Em 1988 a Geografia dá mais um salto qualitativo: é criado o curso de Pós-Graduação.

Desde o início do curso “afinei-me” muito com a Antropologia e Etnografia. Lia muito, sobretudo textos em alemão e francês que o Padre Saake me pedia para traduzir, e o meu interesse pelas aulas do Prof. Boudin era muito grande. Quando o Padre Saake, após dois anos, retornou a São Paulo e foi substituído pelo Professor Doutor João Baptista Borges Pereira, surgiu a possibilidade de estágio não obrigatório em Antropologia Social. Após a formatura, permaneci por um ano como Estagiária Voluntária, aprofundando meus conhecimentos nessa área. Havia um senão: o professor Borges não gostava de Antropologia Física. Assim, ele conseguiu para mim um aperfeiçoamento através de uma Bolsa CAPES para estudar antropologia física no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sob a supervisão do Prof. Doutor Luiz de Castro Faria, então o único antropólogo com conhecimentos amplos em Antropologia Física. Fiz muitas leituras e trabalhos de laboratório. Terminado o estágio, em agosto desse ano, 1964, viajei para a Suíça, ainda com bolsa Capes, para prosseguir esse aperfeiçoamento na Universidade de Genebra, onde fiquei até agosto de 1965. De volta ao Brasil durante o ano de 1966 dei aulas de Antropologia nas Faculdades de Filosofia de Santo André e da Fundação D. Aguirre em Sorocaba (onde dei aulas até 1972, quando ingressei em RDIDP na FAFI). Em 1967 vim para Presidente Prudente, para o Departamento de Ciências Sociais. Basicamente em Prudente eu dava aulas para os primeiros e terceiros anos dos cursos de Geografia (diurno e noturno) e Ciências Sociais, também diurno e noturno: no primeiro ano Antropologia Física e no 3º ano Etnografia Geral e do Brasil. No segundo ano era ministrado o curso de Antropologia Cultural, pelo Professor Doutor Max Henri Boudin. Lembrando que eram cursos anuais, 120 h /a cada. Paralelamente a isso, viagens semanais a Sorocaba, onde continuei dando aulas, em função de que, com aquele salário eu financiava o curso de Pós-Graduação na USP. No entanto, como não havia no Brasil Pós em antropologia física, o Professor Doutor Borges, que então havia se transferido para a USP, passou a orientar minha dissertação de mestrado sobre “A Escola Prática de Agricultura (então Colégio Técnico Agrícola) como fator de mudança cultural na área rural”. Foi um trabalho gratificante, porém meus conhecimentos em antropologia física de nada adiantavam. Defendi a Dissertação em 1980 e iniciei a Tese de Doutorado sobre a imigração alemã na Colônia Rio Grandense, próxima a Maracá, também

sob a orientação do prof. Borges. Só que, em 1983, após a descoberta do sítio arqueológico Alvim em Itororó do Paranapanema, tive nova guinada: acabei fazendo meu Doutorado em Arqueologia, sobre um sítio único encontrado na Décima-Região, em Narandiba, de gravuras desenhadas em baixo relevo sobre basalto, sob a orientação do Professor Doutor José Luiz de Moraes. Através de Convênio com a USP e o envolvimento de docentes e alunos dos cursos de Geografia e Engenharia Cartográfica foi constituído o Grupo de Pesquisa denominado “O Conteúdo Paleoetnográfico da Décima Região-SP”, cadastrado desde 1991 no CNPq. Uma das peças-chave foi o Professor Doutor José Martín Suarez, o Pepe, que desde o início foi um esteio para as pesquisas arqueológicas, e, na qualidade de geólogo que percorria o Oeste Paulista, passou a ser informante a respeito de sítios arqueológicos. Essas atividades todas renderam pelo menos 06 monografias de conclusão de curso, 07 Dissertações de Mestrado, 05 teses de Doutorado e um Pós-Doutorado na área de Arqueologia. Em 1972 criamos o Museu Etnográfico, que em 1990 foi transformado no CEMAARQ (Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia/Museu) uma forma de mostrar um pouco do trabalho antropológico para a comunidade.

Durante todo esse tempo a antropologia ia mirrando, no Curso de Geografia. De três cursos anuais (Antropologia Física, Antropologia Cultural e Etnografia Geral e do Brasil, com 120 h/a cada) passou-se para dois, tendo sido retirada a Antropologia Física. Posteriormente os demais passaram a semestrais, com 60 h/a cada, até que hoje há um semestre de Antropologia Cultural e outro, durante alguns anos, de Etnografia Geral e do Brasil como optativa no 4º ano de Geografia. Nesse processo minguante ouvimos muitas coisas depreciativas como: “antropologia é perfumaria”; a arqueologia é “brincar com pedrinhas e caquinhos”; “a geografia não precisa de antropologia”; a “antropologia física não serve para nada, em nenhum outro lugar existe”, dentre outras. Quanto à esta última, a Antropologia Física, ela não existia simplesmente porque não havia profissionais especializados. Na década de 80 saiu uma divulgação pelo CNPq, oferecendo para as Universidades interessadas um curso de Antropologia Física a ser ministrado por um professor da USP que havia se especializado nela. Isso como grande novidade que nós tínhamos (minha especialização) e não tínhamos!! (porque foi retirado do currículo). Aliás, fui convidada a dar aulas de Antropologia Física na pós-graduação em Antropologia Social da USP, a pedidos da Professora Doutora Thekla Hart-

mann. Quando da reforma universitária só fiquei no campus porque ninguém se atrevia a tirar totalmente a antropologia em consideração ao Professor Doutor Max Henri Boudin. Assim, fui ficando e estou até hoje, agora como Voluntária. Já a Professora Claude Lépine, que havia sido contratada para a Antropologia, transferiu-se para o Campus de Marília. Achei que as coisas mudariam quando “tomei gosto” pela Geografia Cultural, recém iniciada no Brasil. Mas logo fui desiludida quando um colega, numa mesa redonda, afirmou: “Essa Geografia não pega em Prudente”. Esse também foi um dos fatores porque apenas em 2008 pedi meu credenciamento junto à Pós-Graduação, e, de forma geral, me vejo sempre na condição de tentar provar que Antropologia e Geografia têm muito em comum e que uma não vive sem a outra. Outro aspecto interessante de destacar é que quando os novos cursos foram criados no campus, foi criada a Disciplina Patrimônio Cultural como disciplina obrigatória no Curso de Engenharia Ambiental e optativa nos cursos de Geografia e Arquitetura e Urbanismo. Um êxito para manter “algo” da Antropologia foi quando credenciamos a Disciplina Patrimônio Cultural como disciplina obrigatória no Curso de Engenharia Ambiental e optativa nos cursos de Geografia e Arquitetura e Urbanismo.

Por outro lado, minha permanência foi acompanhada pelo CEMAARQ, que em alguns anos chegou a receber 14.000 visitantes por ano, principalmente de escolas públicas da cidade e região, sendo que para muitos deles é a única oportunidade de conhecer um museu. Além do mais, tais visitas dão grande visibilidade para a UNESP e para a FCT, por se tratar de uma universidade pública e gratuita.

Só a título de curiosidade, foram meus alunos os professores doutores Maria Encarnação Beltrão Spósito, Eliseu Savério Spósito, Antonio Nivaldo Hespanhol, Rosângela Aparecida Medeiros Hespanhol, Claudemira Azevedo Ito, Margarete Cristiane da Costa Trindade Amorim, Edílson Ferreira Flores, Arthur Magon Whitaker, Encarnita Salas Martin, Fátima Marin, Neide Barroca Faccio, Márcio Catelan.

**Ruth Kunzli**

Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

Professora Emérita e Voluntária da Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/UNESP

E-mail: [ruth.kunzli@unesp.br](mailto:ruth.kunzli@unesp.br)

Submetido em: Abril de 2019.

Aceito em: Maio de 2019.